



APRESENTAÇÃO

FIGURAÇÕES DO CORPO NAS LITERATURAS AFRICANAS EM PORTUGUÊS

Entendendo que é sobre o indivíduo que a história se constrói, pode-se inferir que, no seu corpo, gravam-se vestígios da história: “A pele historiada traz e mostra a própria história”, diz-nos Michel Serres, sendo inúmeros os estudos que tematizam as figurações poéticas e/ou ficcionais do corpo na literatura, reconhecendo-o como elemento “historiado”. Estes vão desde a mera representação, delineada pela escrita, até a questionamentos e problematizações, a depender do viés da leitura proposta. Por outro lado, esses vestígios passam a ser historicizados a partir do momento em que essas “tatuagens sociais” transbordam do corpo do sujeito e marcam a comunidade. Destaca-se, então, a concepção desse corpo como alegoria do recontar histórico, tendo em vista que é a partir dele que se diz “o outro reprimido”.

Assim sendo, interessa interpretar as relações entre as singularidades do corpo do sujeito e o processo de revisitação crítica da história na literatura, em particular nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa, que têm vindo a ser marcadas, desde a sua emergência, pela historicidade do corpo (assim como a dos espaços e lugares). Porém, sendo esta área – das literaturas dos países africanos de língua portuguesa – relativamente recente, em relação às suas congêneres, não abundam trabalhos que reúnam reflexões sobre as construções alegóricas e metafóricas do corpo. O presente dossiê da Revista **Mulemba**, que chega ao seu vigésimo número, intenta suprir essa necessidade, reunindo artigos que versam sobre as formas como os corpos são representados nas Literaturas Africanas em português, considerando leituras que dialogam com diversas áreas do saber, como a História, a Geografia, a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, o Direito, a Economia, a Psicanálise, entre outras. Os seis textos que integram este dossiê transitam por diversos gêneros textuais – teatro, ficção, poesia, crônica –, obras, autores/as e olhares críticos, possibilitando a abertura de um leque multifacetado de leituras.

Os três primeiros artigos do dossiê voltam-se para a configuração de corpos vitimados pela morte, pela disciplina, pelo ultraje, pela doença. De certa maneira, estamos diante de corpos violentados pela História. Abrimos o volume com o artigo “O pássaro da morte sobre corpos empilhados – existência e resistência política em *A vala comum*, de José Mena Abrantes”, da autoria de Agnaldo Rodrigues da Silva. A partir de uma análise da peça do dramaturgo angolano, o estudioso brasileiro reflete sobre a metáfora do corpo morto enquanto elemento



denunciante da violência de cunho político em Angola. Em seguida, encontramos o artigo de Jorge Vicente Valentim, intitulado “Entre disciplinados e ultrajados: corpos em transe/trânsito em *Os olhos da cobra verde*, de Lília Momplé”. A investigação de Valentim desdobra-se sobre as representações dos corpos que transitam pelos contos reunidos na obra da escritora moçambicana: corpos disciplinados, corpos ultrajados, corpos insubmissos. Páginas adiante, podemos ler as linhas escritas por Larissa da Silva Lisboa Souza. Em “À procura de Moçambique: José Albasini e o *corpus* de um tuberculoso”, a autora passeia pelas crônicas de viagem de José Albasini pelo interior de Moçambique, em busca da cura para a tuberculose, e publicadas no jornal *O Brado Africano* (1934). Entre o corpo enfermo e o *corpus* da escrita, algumas chagas notórias são fruto das reflexões sobre “as tensões coloniais do período”.

Já os artigos de Shirley de Souza Carreira, “Representações do corpo em obras de Mia Couto”, e Helder Thiago Maia, “Notas sobre donzelas-guerreiras, gênero e sexualidade em *A Rainha Ginga*, de José Eduardo Agualusa”, encontramos corpos de mulheres no centro da discussão. Shirley Carreira nos convida a vislumbrar as estratégias de subversão e/ou resistência à submissão que personagens miacoutianas desenvolvem em suas narrativas. Por seu turno, Helder Maia direciona o nosso olhar para uma profícua discussão sobre as diversas possibilidades de leitura da personagem “donzela-guerreira”, já tornada emblemática na literatura universal, apontando para a rasura desse paradigma a partir da análise da rainha angolana ficcionalizada por Agualusa.

Fechando o dossiê, lemos em “Moçambique no feminino: as dimensões poéticas do corpo na poesia de Sónia Sultuane”, da autoria de Sávio Roberto Fonsêca de Freitas, alguns processos metafóricos de representação do corpo feminino na obra da poetisa moçambicana, projetando leituras em torno do devir poético e das relações de classe, raça e gênero, enquanto chaves de leitura possíveis à construção lírica.

Além dos seis artigos reunidos em nosso dossiê sobre as figurações do corpo nas literaturas africanas em língua portuguesa, trazemos ao público dois outros textos, vinculados à nossa seção de temas livres. O primeiro deles, da autoria de Lais Naufel Fayer Cerri, cujo título é “Um infinito para descansar – a poesia de Inez Andrade Paes”, propõe um descortinar da poesia da escritora moçambicana, que vem a público no início dos anos 2000, levando-nos ao encontro dos principais temas de sua produção poética. Já com Lyza Brasil Herranz e seu “Testemunho de um inventário”, acompanhamos a revisitação crítica do conto “Inventário de móveis e jacentes”, publicado num dos livros fundamentais da ficção moçambicana, *Nós matamos o cão-tinhoso*, de Luís Bernardo Honwana. O conto-inventário é, aí, analisado enquanto exercício de “invenção da realidade e de si mesmo”.

Encerrando o número 20 da Revista **Mulemba**, trazemos ao público leitor duas resenhas sobre obras do universo crítico das literaturas africanas em língua portuguesa, lançados em

2018. Vera Lucia da Rocha Maquêa, em “Duma ponta à outra: trajectórias culturais e literárias das ilhas do Equador”, apresenta o livro *Trajectórias culturais e literárias das ilhas do Equador: estudos sobre São Tomé e Príncipe*, organizado por Inocência Mata e Agnaldo Rodrigues da Silva. Mário César Lugarinho, por sua vez, em “Memória e colonialismo”, apresenta o volume *Discursos memorialistas africanos e a construção da História*, também organizado por Inocência Mata.

Desejamos a todos ótimas leituras e boas inspirações para a potencialização do universo crítico em torno das literaturas africanas em língua portuguesa.

Rio de Janeiro, 31 de Julho de 2019.

Organizadoras/es:

Vanessa Ribeiro Teixeira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Inocência Mata (Universidade de Lisboa / Centro de Estudos Comparatistas)

Guilherme de Sousa Bezerra Gonçalves (Colégio Pedro II / RJ)

Maximiliano Torres (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)